



SEÇÃO: RESENHA

Quatro décadas de uma perspectiva interseccional das forças feministas: a relação entre “Mulheres, raça e classe” e “Feminismo para os 99%”

Four decades of an intersectional perspective of feminist forces: a relation between “Women, Race and Class” and “Feminism for the 99%”

Giorgia Galvan Moreira¹
orcid.org/0000-0002-7468-8878
giorgia.moreira@acad.pucrs.br

Yasmim Carina Bastos Ribas¹

orcid.org/0000-0003-0098-3011
yasmim.ribas@acad.pucrs.br

Recebido em: 2/10/2020.
Aprovado em: 11/11/2020.
Publicado em: 08/06/2021.

Resumo: A presente resenha faz uma síntese crítica dos livros *Mulheres, raça e classe*, obra de Angela Davis, e *Feminismo para os 99%: um manifesto*, de Nancy Frazer, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza. Em ambos os livros defende-se a união vital entre feminismo e antirracismo na luta contra as desigualdades sociais e econômicas inerentes ao sistema capitalista, que, segundo as autoras, é o sistema que legitima diversas esferas da exploração, perpetuando-as. Desse modo, com o intuito de pensar possibilidades de integração entre as múltiplas formas de ser mulher, recupera-se uma perspectiva interseccional, encabeçada por essas leituras. Mesmo com quase quarenta anos de diferença entre um livro e outro, revela-se o caráter ainda vigente das opressões e das lutas, em especial, a dinâmica interseccional da reprodução social no sistema capitalista.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Racismo. Interseccional. Capitalismo.

Abstract: This review elaborates a critical synthesis between Angela Davis's book, *Women, Race and Class*, and Nancy Frazer, Tithi Bhattacharya and Cinzia Arruzza's book, *Feminism for the 99%: a manifesto*. Both one and the other defend a vital union among feminism and antiracism in the struggle against the inherent social and economic inequalities of the capitalist system, which according to the authors is the system that legitimises all forms of exploitation, perpetuating them. Researching possibilities of integration between being a woman in multiple ways, it's possible to perceive an intersectional perspective from these readings. With almost forty years of difference between one book and the other, it reveals the contemporary character of the oppressions and the fights, especially, the intersectional dynamic of social reproduction in the capitalist system.

Keywords: Feminism. Gender. Racism. Intersectional. Capitalism.

Esta resenha busca conectar dois textos, escritos com a diferença de 38 anos, sobre feminismo e interseccionalidade. Angela Davis publicou *Mulheres, raça e classe* em 1981, e Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Frazer publicaram *Feminismo para os 99%* em 2019. Angela Davis relaciona a questão de gênero e racialidade com o intuito de flexibilizar compreensões históricas que não contemplam a complexa sociedade estadunidense. As autoras de *Feminismo para os 99%* propõem um manifesto feminista, concretizando a união das lutas, não apenas contra o sexismo, visto que o movimento a favor da igualdade de gêneros deve ser também antirracista, ecossocialista, anti-LGBTfóbico, entre outros. Apesar da distância temporal, os dois livros reconhecem a necessidade de integração das lutas para que o feminismo de fato acolha mulheres de



modo amplo. Nesse sentido, a presente resenha se propõe a uma reflexão através da pergunta: o feminismo ao qual estamos nos dedicando integra ou segrega? No Brasil, há um grande déficit no que diz respeito ao diálogo interclasses, e é por isso que devemos repensar se o movimento que elegemos conversa com múltiplas formas de expressão da mulheridade, ou se isso acontece apenas no discurso.

A fim de trazer luz à importância de uma perspectiva interseccional das variáveis gênero, raça e classe, Angela Davis (1981) percorre a história do povo negro, do movimento feminista e do comunismo, por meio de uma síntese que nos permite compreender a impossível dissociação desses fatores ao pensar em opressão e ativismo. Indo na contramão de uma perigosa neutralidade epistemológica, a autora consegue unir o ativismo e o pensamento acadêmico, com o propósito de nos revelar o caráter escravocrata de um sistema social estruturado na exploração, cujos pilares básicos são raça, classe e gênero. Davis difere de alguns dos teóricos clássicos que conhecemos, reconhecendo o perigo de uma visão simplista sobre os assuntos complexos que nos constituem enquanto sociedade. A partir de uma perspectiva histórica, a autora tenta acabar com os mal entendidos gerados por essas visões unilaterais, geralmente carregadas de maniqueísmos e soluções apressadas.

Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não se identificar com o movimento. O desenvolvimento dessa preocupação, tema central do livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*, está diretamente conectado à obra de Angela Davis no que diz respeito ao eixo que estrutura as duas obras. As autoras de ambos os livros têm o intuito de lembrar que, a despeito da urgência gritante frente à necessidade de aumentar a voz dos movimentos feministas pelo mundo, não se trata de qualquer feminismo, uma vez que existem diferentes vertentes. Cientes de que algumas delas não contemplam todas as mulheres, as autoras expõem os aspectos individualistas de alguns dos mais difundidos feminismos. Há os que se detêm às demandas de uma parcela muito

pequena e específica da população: mulheres brancas cisgênero, heterossexuais e de classe média. Se o feminismo para o 1% é aquele que se volta apenas para a minoria das mulheres, enxergando com profundo descaso outros recortes sociais, e acaba por deixar à mercê quem deveria ser priorizada, negligenciando pautas de uma parcela significativa da população feminina. É por isso que é urgente o feminismo para os 99%. Esse, diferente do primeiro, contempla a maioria das mulheres, reconhecendo seus recortes, sejam eles étnicos, de classe, de orientação sexual, e assim por diante. Isso posto, o movimento feminista é capaz de reconhecer as necessidades de cada recorte colocado, suscetível e atento à suas particularidades. As autoras de ambas as obras reconhecem que se o feminismo não é para a maioria das mulheres, não se trata de um movimento pela liberdade.

Angela Davis (1981) não acredita na hierarquização das opressões de classe, gênero e raça, e compreende que estão todas entrelaçadas, a fim de sustentar um projeto hegemônico de dominação. Apesar disso, a autora reconhece a importância da questão racial como pauta central no desmantelamento dessa lógica supremacista, tanto para se pensar em gênero, quanto para classe. Não um fator acima do outro, mas um dentro do outro. Para evidenciar isso, já no primeiro capítulo de *Mulheres, raça e classe*, a escravidão é reexaminada, patenteando "um legado que explicita parâmetros para uma nova condição de mulher" (Davis 1981, 41). A partir da lógica escravocrata, Angela Davis mostra a construção do povo negro resumido enquanto força de trabalho, compulsoriamente isentos da humanidade narrada pelos senhores como característica exclusiva de seus semelhantes. A análise da autora realoca a mulher negra escravizada, tendo a questão de gênero evocada de acordo com a conveniência dos proprietários de escravos e, depois da abolição da escravatura, de acordo com as necessidades mercadológicas. Essa discriminação maleável, muitas vezes aproximava as mulheres negras dos homens de sua raça, afastando-as de suas congêneres brancas.

Revela, olhando de forma rigorosa, a luta pelo direito das mulheres ao longo da história, que nenhum conceito social é inflexível, ao contrário do que pensavam as mulheres brancas de classe média sobre o que seria "ser mulher".

O segundo capítulo do livro *Mulheres, raça e classe* desenvolve a questão na medida em que testemunha a ascensão da causa antiescravagista e a presença das mulheres brancas no movimento. Mostra que a diminuição dos trabalhos domésticos, causada pelo crescimento do capitalismo industrial, fortaleceu a ideia de inferioridade feminina, que antes era representada por mulheres trabalhadoras produtivas do lar. Agora, a ideologia da feminilidade cria protótipos de mulher ideal, como mãe e esposa, por exemplo, evidenciando a contradição da vida das donas de casa brancas, que "(...) como esposas eram destinadas a se tornar apêndices de seus companheiros, serviçais de seus maridos. No papel de mães, definidas como instrumentos passivos de reprodução da vida humana" (Davis 1981, 45). O impacto dessa drástica mudança de lógica causou um choque, fazendo com que muitas das mulheres equiparassem suas opressões matrimoniais às escravagistas. Assim, o movimento abolicionista, além de externar para as mulheres brancas as profundezas da opressão, fez com que enxergassem suas próprias angústias, provando que as opressões nascem do mesmo solo, mesmo que se manifestem de diferentes formas. Angela Davis, portanto, nos influi a não cair na "armadilha ideológica de que um combate é mais importante que outro", reconhecendo "o caráter dialético entre as duas causas" (Davis 1981, 56).

Fraser, Arruzza e Bhattacharya (2019) criticam vigorosamente o feminismo conivente com o sistema capitalista, pois é o responsável por reduzir mulheres à meras máquinas reprodutivas e submissas. É o traço autocentrado do feminismo liberal que encoraja as mulheres a acreditar numa falsa ideia de libertação, quando na realidade se encontram presas pelas amarras do capital. Por meio desse feminismo, essas são induzidas a alcançarem cargos e liberdades — especialmente liberdades sexuais — que são estruturalmente

delegados a homens. A visão dessa corrente despreza os recortes que deveriam ser identificados e distinguidos, incentivando o pensamento simplista, que é também criticado por Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe*, de que a luta é entre homens e mulheres, brancos e negros, opressores e oprimidos. Davis aponta que o erro de muitas mulheres de classe média, na busca por manutenção da estrutura vigente, reside em enxergar algum arranjo social — a escravidão, por exemplo — como um equívoco moral da sociedade, e não a estrutura como um todo enquanto sistema de poder, cuja preservação se fundamenta na reposição dos indivíduos localizados na base da pirâmide social. As autoras compreendem, assim como compreendeu Davis (1981), o caráter interseccional no espírito das opressões, podendo o oprimido desempenhar também o papel de opressor, de acordo com a situação social.

O estímulo para que as mulheres cheguem onde geralmente estão os homens e a celebrada ilusão de que conquistar um lugar ao topo é uma conquista feminista, que se fundamenta no princípio de que uma mulher no comando representaria todas as mulheres, é apenas uma forma de manutenção do capitalismo, incutido na terceirização da opressão. As mulheres autorizadas a ascender, e que são reconhecidas por seu empoderamento, também são aquelas que dispõem de vantagens sociais, culturais e econômicas; a prosperidade dessas provém do fato de que podem se escorar no trabalho de outras mulheres para cuidarem de suas casas e de seus filhos, reiteradamente mulheres pobres e, geralmente, imigrantes ou racializadas. Por isso, ao contrário do feminismo que pregam as autoras de *Feminismo para os 99%*, a perspectiva neoliberal é elitista e individual.

Cronologicamente, Angela Davis (1981) mostra a fragilidade das integrações associativas ao longo da história, mais especificamente da história dos movimentos pelos direitos das mulheres, que, liderados por brancas de classe média, foram monopolizados. As sufragistas revelaram um caráter racista em sua estruturação, revelando-se excludentes a respeito de mulheres negras e operárias. A autora identificou

a fidelidade das mulheres brancas com a supremacia de sua raça e, por conseguinte, constatou também a superficialidade da campanha pela libertação do povo negro por parte delas. Através de um reexame dos eventos relacionados à busca pelos direitos políticos das mulheres, Angela Davis expõe a relação sistemática da exploração econômica, com a opressão social das mulheres e a escravidão. Há um contorno supremacista incorporado pelo capitalismo, o qual serve de exemplo para escancarar o que as autoras de *Feminismo para os 99%* pretendem demonstrar em relação aos feminismos exclusivistas. Sem negar o importante papel das sufragistas feministas, Davis mantém sua contundente oposição à estrutura racista que as sustentam. A autora desvenda de forma precisa que a luta de um determinado grupo pela igualdade pode, precipitadamente, provir da luta por um lugar de poder no trono da supremacia, expondo o caráter invariável de manutenção do cume do comando.

Por isso, feministas que recorrem à ideologia liberal para efetivarem sua luta por igualdade, não estão pensando nas mulheres como um todo, visto que esse feminismo não ambiciona a legítima emancipação daquelas pertencentes a outras classes e etnias. Essa vertente não promove ações por meio de políticas públicas, recursos financeiros ou programas sociais, cujo intuito seria auxiliar, por exemplo, mulheres que necessitam de ajuda financeira ou psicológica para se manter e sustentar suas casas e famílias, enquanto lidam com violência doméstica e tentam se desvincular de seus agressores. O feminismo liberal busca conciliar reformas na estrutura capitalista através de propostas de reconhecimento, isto é, asserções que se apoiam em discursos de direitos igualitários entre os sexos, mas que não procuram executar políticas de redistribuição para que mulheres de classes mais baixas possam acessar oportunidades e se verem de fato representadas. O liberalismo tem seus valores claramente fundamentados em uma visão distorcida da meritocracia, uma lógica que se sustenta na ideia de ascensão daqueles que se provam merecedores. No entanto, se o sucesso for metaforicamente colocado como

uma corrida, e a linha de chegada um lugar de comando, veremos que a linha de partida não é a mesma para todos os corredores. Portanto, da mesma forma que estão costuradas as opressões, as lutas contra as violências estruturais precisam se articular para serem efetivas.

Davis (1981) enfatiza categoricamente o papel essencial da mulher negra nos movimentos pela libertação, sempre apoiando os homens de sua raça, e ocupando espaços essenciais para o desenvolvimento da sociedade e do mercado. Apesar de ser marxista, faz uma crítica contundente à esquerda, e cita mulheres comunistas, a fim de acabar com mal entendidos sexistas e racistas em torno de percepções históricas equivocadas. A autora mostra que foi com o florescimento do socialismo que se quebrou o monopólio do movimento pelo sufrágio feminino, agora compartilhado e reivindicado pelas mulheres operárias. Apesar de muitos dos movimentos comunistas colocarem o fator de classe acima dos demais, foram mulheres comunistas que perceberam a conexão entre as formas de exploração, como Lucy Parsons e Lulia Jackson; mulheres essas que compreenderam que não havia como lutar pela liberdade pela metade. Lutar pela emancipação deveria ser, portanto, um ideal integral.

A importância do pensamento anticapitalista é indispensável na batalha contra todas as opressões, visto que não deve haver um sem que haja o outro. O feminismo para os 99% deve reivindicar a necessidade primordial de integração dos movimentos e suas lutas — sejam elas anti-imperialistas, antirracistas, ambientalistas, LGBTQIA+ ou sindicatos. Todos os movimentos devem coexistir no combate contra o sistema capitalista. Desse modo, a emancipação deve ser pensada para todas, sem que nenhuma pauta seja eclipsada por requintes de supremacia disfarçados de luta. Ou o feminismo será para os 99%, ou não será.

O pensamento feminista conquista espaço, dia após dia, sendo um tema de legítima importância para as humanidades, em especial dentro das ciências sociais, pois sua origem está intimamente relacionada a uma defasagem política e social presente na sociedade brasileira. Num

período no qual os abismos sociais crescem, a comunicação entre grupos se constrói em escassez, e a sede por emancipação aumenta exponencialmente, leituras como as apresentadas nesta resenha alimentam os pilares essenciais dos movimentos pela libertação: a esperança e a imaginação política. O *Feminismo para os 99%* progride na mesma direção de *Mulheres, raça e classe*, visto que compreende a importância da luta feminista e antirracista enquanto força uma contra a opressão capitalista. Enxergar um futuro possível para a diversidade humana, baseado em um passado histórico, minuciosamente estudado, amplia horizontes, instigando a força unitária entre identidades coletivas, que não precisam ser iguais para se enxergar assim.

Referências

Davis, Angela. 1981. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.

Fraser, Nancy, Bhattacharya, Tithi, Arruzza, Cinzia. 2019. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo.

Giorgia Galvan Moreira

Estudante de Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Yasmim Carina Bastos Ribas

Estudante de Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados por Zepellini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.